



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i3.1666>



Oralidades, religiões e religiosidades: desafios e perspectivas para a História Oral

Diego Omar da Silveira*

ORCID iD 0000-0001-6835-3417

Universidade do Estado do Amazonas, Colegiado de História, Parintins, Brasil

Fábio Lanza*

ORCID iD 0000-0003-2807-9075

Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Ciências Sociais, Londrina, Brasil

Resumo: O artigo apresenta o percurso que nos trouxe até este dossiê, no qual se cruzam, de formas diversas e interdisciplinares, as oralidades e a História Oral e a história das religiões e religiosidades no Brasil. Se a imbricação entre esses campos não é propriamente nova, o que pretendemos mostrar é que ainda há muito por ser feito – balanço que também ajuda a entender melhor os caminhos trilhados até aqui e a desenhar, de certo modo, nossos horizontes de expectativa. De modo geral, apontamos os desafios de preservar as memórias religiosas em seu aspecto mais amplo possível, não apenas rompendo as barreiras das religiões hegemônicas e socialmente mais aceitas, mas também promovendo ou articulando pesquisas capazes de ouvir outras regiões do país (para além do Sul e Sudeste) e outras epistemologias.

Palavras-chave: oralidades; religiões; religiosidades, História Oral, Brasil.

* Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É professor adjunto no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Presidiu a Associação Brasileira para a Pesquisa e História das Religiões (ABHR) entre 2019 e 2021 e coordenou a Regional Norte dessa mesma Associação entre 2016 e 2018. Foi também presidente da Seção Amazonas da Associação Nacional de História (ANPUH) no biênio 2022-2024. É membro da Rede de Pesquisa: História e Catolicismo no mundo contemporâneo e coordenador do Laboratório de Estudos das Festas, Folclores e Tradições (LABFEST-UEA). E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

* Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professor no Departamento de Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (Mestrado e Doutorado) e do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). É bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: lanza1975@gmail.com.

Oralities, religions, and religiosities: challenges and perspectives for Oral History

Abstract: This article outlines the path leading to the present dossier, which explores the diverse and interdisciplinary intersections between oralities, oral history, and the history of religions and religiosities in Brazil. While the overlap between these fields is not entirely new, we aim to demonstrate that much remains to be done. This assessment also helps us better understand the paths forged thus far and, to some extent, outline our horizons of expectations. Broadly speaking, we highlight the challenges of preserving religious memories in their broadest possible sense. This involves not only breaking down the barriers surrounding hegemonic and socially accepted religions but also promoting and articulating research capable of listening to other regions of the country (beyond the South and Southeast) as well as other epistemologies.

Keywords: oralities; religions; religiosities; Oral History; Brazil.

Introdução

Até a metade do século XX, foram hegemônicas nas ciências humanas e sociais as previsões de uma profunda secularização da vida pública e, portanto, da reclusão das religiões e religiosidades à esfera do privado. Malfadadas essas expectativas, o campo religioso brasileiro – assim como em diversas outras partes do mundo – continua em ebulição. Os vetores do processo de diversificação, no entanto, já não são tão previsíveis. Se, por um lado, grandes instituições cristãs tradicionais/históricas continuam a perder fiéis e prestígio social e político, setores evangélicos se reinventam, conquistam novos seguidores e ampliam sua relevância na esfera pública. Ao mesmo tempo, observa-se um crescimento dos processos de desfiliação religiosa, de múltiplas pertencas e das vivências espirituais marcadas por forte apelo individual, desvinculando as trajetórias pessoais e suas experiências com o sagrado do peso das tradições e ortodoxias.

Neste cenário de maior liberdade, as memórias religiosas de indivíduos e comunidades ganham nova relevância: expressam as diversidades e as disputas inerentes aos processos sócio-históricos. Revelam, por um lado, a relação do religioso com os movimentos sociais e ou instituições políticas/governamentais, enquanto apontam, por outro, para a valorização de novas/outras cosmologias e narrativas ancestrais; celebram trajetórias pessoais e asseguram a transmissão de culturas orais ao longo das gerações. Conversões e reconversões, ou mesmo a ausência de identidades religiosas, reposicionam os modos tradicionais de pertencimento às comunidades e, conseqüentemente, também as formas de socialização dos sujeitos e aquilo que Maurice Halbwachs chamou de “quadros sociais da memória”, como pontos de referência para as lembranças (Graeff; Graebin, 2006). Se é verdade que durante muito tempo nos definimos a partir da fé, ou das crenças compartilhadas e de filiações declaradas a certas instituições religiosas, isso tem se tornado cada vez mais difícil. A ampliação das possibilidades de mobilidade

socioespacial e as rápidas modificações nas formas como a vida se organiza parecem dificultar sobremaneira “el control [...] sobre los dioses” (Bastian, 1997, p. 10).

Na feliz expressão de Antônio Flávio Pierucci (2004, p. 27), esse nosso “mergulho líquido [...] nas águas inconstantes do pós-tradicional” representa um *bye bye* ao Brasil do passado, o que implica certamente uma reorganização identitária mais ou menos profunda, cujas bases ainda se assentam sobre uma religião “que um dia se pensou triunfalmente nos haver cunhado, em cultura e civilização, católicos no todo e de uma vez por todas, selando-nos o destino confessional desde a primeira hora” (Pierucci, 2004, p. 17). O futuro, porém, continua incerto, já que entre nós (e talvez não apenas entre nós) a competição religiosa nem sempre tem representado mais democracia e, tampouco, tenha implicado no sepultamento do patriarcado e na superação do preconceito e da violência religiosa (Pierucci, 2012). As “muitas guerras santas” travadas por cristãos conservadores contra as religiões de matriz africana e a moral laica ilustram bem esse processo, mas estão longe de esgotá-lo.

Também em termos religiosos – como diria Tom Jobim –, “o Brasil não é para principiantes”. Conforme se observa nos recentes Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apesar de algumas tendências gerais – queda do número de católicos e da influência pública, emergência de certos setores evangélicos (especialmente neopentecostais) e crescimento tímido, mas constante, dos “sem religião” – amplas áreas ainda permanecem muito católicas, e outras, como o Rio de Janeiro, por exemplo, concentram, ao mesmo tempo, grande contingente de evangélicos e também altos índices de ateus e agnósticos. Há ainda a força de “religiões como Candomblé, Umbanda, Batuque, Tambor de Mina, Jurema e outras [que] têm um peso muito maior na formação cultural brasileira e nas visões de mundo contemporâneas do que o pequeno percentual sugere” (Iser, 2025, p. 78) e que nos últimos anos têm “saído do armário” e lutado contra o apagamento histórico. Transformações difíceis de captar apenas em números, mas muito sentidas quando levamos em consideração os arranjos sociais que lhes são inerentes, as transformações nas sociabilidades religiosas e as formas como imaginários se (re)organizam e se sobrepõem (Montes, 2012).

Mas o que a História Oral tem a ver com isso tudo? Esta é a questão que nossa proposta de dossiê tentou propor, recolhendo trabalhos provenientes de diferentes campos das humanidades que exploram as interfaces entre as oralidades, as fontes orais e as religiões e religiosidades, desde pesquisas empíricas, que trabalham com entrevistas de fiéis e lideranças, bem como com narrativas de diferentes experiências com o sagrado (pessoais e coletivas), e de diferentes tradições: cristãs e não cristãs; inclusive algumas que exploram ou tensionam, teoricamente, os desafios e possibilidades nesse campo.

As relações entre a História Oral e os estudos das religiões e religiosidades não são novas. Na realidade, já acumulam ao longo das últimas décadas um rico percurso de contatos, trocas e influências recíprocas, de tal forma que nos principais eventos de ciências humanas e sociais é recorrente encontrarmos simpósios temáticos ou grupos de

trabalho voltados às interfaces entre tradições orais e experiências religiosas ou, até mais especificamente, para as memórias de fé e o trabalho de História Oral com diferentes grupos, movimentos ou igrejas. A mesma tendência se repete nos simpósios e encontros das chamadas ciências da religião – pensadas como um campo interdisciplinar no qual a produção, utilização e disponibilização de relatos/fontes orais ocupa um espaço muito significativo nas pesquisas desenvolvidas atualmente.

Mas, aquilo que à primeira vista poderia soar com um sinal de cansaço, dado pelo acúmulo de material produzido, pode também ser convertido em um problema, tanto epistemológico quanto prático, e um mote para novas pesquisas. Frente a tantos trabalhos disponíveis, algumas perguntas parecem necessárias (ou mesmo urgentes), como, por exemplo: Quais memórias têm sido privilegiadas no campo religioso brasileiro? De que modo elas são recebidas por seus próprios grupos e por aqueles que disputam com eles mais espaço na luta por fiéis? Onde ficam guardados esses registros, em espacial o material bruto das entrevistas (os áudios, vídeos e transcrições) para além dos poucos excertos de que comumente lançamos mão em nossos artigos, monografias, dissertações e teses? Eles, de fato, chegam à sociedade mais ampla, aos circuitos menos letrados e pouco afeitos à literatura acadêmica? Estamos atentos às devoluções que os pesquisadores fazem aos seus sujeitos ou grupos “nativos”, de onde brotam os relatos?

Há vários anos, esperávamos da revista *História Oral* um número com este dossiê, com o qual pudéssemos, talvez, colaborar, ou que pudéssemos compulsar, na condição de leitores, cientes de que ele certamente ajudaria a preencher certas lacunas da produção historiográfica ou, pelo menos, a acalmar essas (e algumas outras) inquietações. Mas coube a nós essa tarefa de somar este trabalho aos poucos balanços publicados. Eles dão conta do tamanho do desafio e dos riscos que esse tipo de esforço sempre comporta. Em meio à abundância de material, qualquer seleção sempre surge como algo um tanto precário, operando sempre com escolhas que não necessariamente atendem aos nossos interesses primeiros e deixando de lado – por muitas razões – conjuntos relativamente grandes de pesquisas que poderiam ser mencionadas como dignas de nota. Riscos de quem se propõe a tarefa de reunir alguns poucos trabalhos interessantes (e instigantes) sobre o tema.

O que se segue, portanto, é uma tentativa de contornar alguns desses desafios e de fornecer um panorama minimamente capaz de revelar a diversidade latente nos estudos, mas nem sempre veiculada em revistas especializadas ou visibilizada, mesmo por pesquisadores e leitores mais experientes, como se pode observar, por exemplo, no dossiê publicado há mais de 15 anos na revista *Oralidades*, do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) da Universidade de São Paulo (*Oralidades*, 2010). Antes, porém, uma pequena nota acerca do que este periódico já publicou sobre o tema e os desafios daí derivados.

Um breve inventário nas dezenas de números já publicados – são ao todo 28 volumes – indica um quantitativo pequeno de artigos que se debruçam sobre religiões e religiosidades, que não chegou a 20 textos, nos quase 30 anos da revista, às vezes

com intervalos longos entre eles. E como se pode ver na tabela abaixo, o catolicismo ocupa lugar destacado na maioria das análises – mais da metade das ocorrências. Ainda assim, em que pesem a importância das memórias eclesiais para a Igreja e os muitos projetos de História Oral envolvendo a atuação de padres e/ou ordens e congregações religiosas nas últimas décadas no Brasil (em especial durante a ditadura civil-militar), demorou para que o primeiro artigo com esse tipo de recorte aparecesse (apenas no volume 4). Festas e celebrações também surgem como temas de interesse progressivamente maior a partir dos anos 2000, dado não apenas a sofisticação teórico-metodológica que envolve esses estudos, mas a sua imbricação a outro campo: o do patrimônio imaterial, para o qual toda a discussão sobre memórias e experiências dos participantes surge como relevante.

TÍTULO/ AUTOR(A)	VOLUME
Padres e artesãos: narradores itinerantes. Autor: Antonio Torres Montenegro	Vol. 04 (2001)
Imagens e significado do banquete na Festa do Rosário. Autora: Célia Lucena	Vol. 07 (2004)
Espiritismo progressista: pensamento e ação de Rino Curti Autor: Antonio Torres Montenegro	Vol. 08, n. 2 (2005)
O simbolismo e o boto na Amazônia: religiosidade, religião, identidade. Autor: Raymundo Heraldo Maués	Vol. 09, n. 1 (2006)
O comunismo e outros perigos: memórias sobre o medo entre os católicos. Autora: Carla Simone Rodeghero	Vol. 10 n. 2 (2007)
Revelando o indizível na Oficina de Fuxico: uma experiência de pesquisa sobre gênero, religião e memória. Autoras: Claudirene Aparecida de Paula Bandini e Maria Aparecida de Moraes Silva	Vol. 14, n. 2 (2011)
“Domingo de Reminiscere”: tramas mnemônicas da romaria do senhor dos passos de Sergipe. Autor: Magno Francisco de Jesus Santos	Vol. 17, n. 1 (2014)
Narrativas orais sobre religiosidade e saberes escolares no município de Colares (PA). Autora: Maria Betânia Barbosa Albuquerque	Vol. 18, n. 2 (2015)
A festa do congado diante da salvaguarda: novas contribuições no processo de formação da irmandade Os Carolinos. Autora: Wanessa Pires Lott	Vol. 21, n. 1 (2018)
Memória coletiva sobre a gênese e institucionalização da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Autoras: Geane Kantovitz e Clarícia Otto	Vol. 21, n. 1 (2018)

Uma história do medo: o anticomunismo católico no Rio Grande do Sul. Autor: Marcos Fábio Freire Montysuma	Vol. 21. n. 2 (2019)
Vozes e identidades plurais: uma análise da diversificação do campo religioso em Parintins (AM) a partir de relatos orais. Autores: Diego Omar da Silveira e Clarice Bianchezzi	Vol. 22. n. 1 (2019)
68, 50 anos depois: memórias de frei Oswaldo Rezende sobre a resistência da esquerda católica à ditadura militar. Autores: Gabriel Amato Bruno de Lima, Miriam Hermeto de Sá Motta e Nelyane Santos	Vol. 24. n. 1 (2021)
Trajetórias da mãe de santo Sofia Ronald: memórias fora do CISTema em experiências religiosas TRANSviadas na Ilha de Parintins, Amazonas. Autores: Adan Renê Pereira da Silva, Josivaldo Bentes Lima Júnior e Adriano Magalhães Tenório	Vol. 25. n. 1 (2022)
“Panelinha de cozinhar tudo junto”: comida, religiosidade e comunidade – memórias de infância e de tornar-se ‘mulher preta’. Autora: Joana da Silva Barros	Vol. 25. n. 1 (2022)
“Nosso Sagrado”: a produção do filme-documentário e os movimentos sociais antirracistas no Rio de Janeiro dos anos 2010. Autores: Samuel Oliveira, Felipe Wircker Machado e André Luiz Freire Pereira	Vol. 26. n. 2 (2023)
O corpo em movimento: reflexões sobre identidade, oralidade e memória em terreiros de Umbanda. Autora: Natália Alves Passafaro	Vol. 28. n. 2 (2025)

Outros temas tardam mais a aparecer, como é o caso das espiritualidades não cristãs, dos debates de gênero, das religiões afro. De forma transversal, e de certo modo pioneira, Raymundo Heraldo Maués já vinha tratando vários desses assuntos em suas pesquisas anteriores (Silveira; Reis, 2015) e seu texto, publicado em 2006, condensa, na discussão sobre o simbolismo do boto, a necessidade de considerar, também na produção de fontes orais, outros regimes de narrativas, menos presos à racionalidade ocidental e mais atentos às cosmologias e imaginários dos povos originários e comunidades tradicionais espalhados pelo país. Mas é somente na segunda década do século XXI que tais abordagens ganham mais espaço, deslocando o foco do Cristianismo e seus agentes institucionais (clero ou laicato organizado) para outras experiências com o sagrado – o que também parece ter relação com a emergência dos estudos pós-coloniais, decoloniais, anticoloniais e suas novas pautas, inclusive para a História Oral (Seawright, 2025).

A partir daí, mesmo as abordagens das religiões cristãs (ou que guardam com elas certa relação de parentesco, como é o caso do Santo Daime e do Espiritismo) se transformam, tratando, agora, menos de uma compreensão enquadrada pela ortodoxia

(responsável pela gestão dos bens de salvação) e mais das experiências de fé comunitárias ou pessoais e de seus impactos sobre as construções narrativas e a potência mnemônica inscrita nos corpos dos sujeitos que abrigam tais recordações, transformadas durante as entrevistas em fontes orais.

Essa transformação é, em parte, captada, por exemplo, no único texto sobre religiões e religiosidades que figura na coletânea organizada por Marieta de Moraes Ferreira e Ricardo Santhiago nos 30 anos da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Ali, o trabalho de Alice Beatriz da Silva Gordo Lang (2024) parte do desafio de construir a biografia de um “líder espírita” para uma escuta atenta que põe em contato vários mundos, o dos entrevistados e aqueles relacionados aos membros da Coligação Espírita Progressista com os espíritos que lhes auxiliavam, de tal modo que com apoio da noção de campo do Pierre Bourdieu (2004, 2007) foi se tornando possível analisar não apenas “as relações entre homens”, mas “abrigar [também] as relações entre os vivos e entres estes e os desencarnados” (Gordo Lang, 2024, p. 90). A ideia é ainda mais potencializada em trabalhos como o de Maria Betânia Barbosa Albuquerque, que nos últimos anos tem apontado para relações de troca e aprendizado entre humanos e não humanos nas tradições ayahuasqueiras (Silveira; Figueredo, 2018), ou mesmo os de Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho (2010, 2017), que tem explorado tanto as relações (com caminhos de ida e volta) entre crença e descrença, religião e ateísmo ou as muitas sobreposições que se operam em entrevistas com pessoas cuja identidades estão parcialmente configuradas por seus trabalhos espirituais e pelas agências que diferentes seres tem sobre seus corpos e ações neste mundo.

Perspectivas e desafios

Destas breves considerações podemos desdobrar alguns desafios, apenas parcialmente tocados nos textos que compõem o presente dossiê, mas que, acreditamos, merecem ser mais e melhor considerados pela comunidade dos/as interessados/as em fazer da História Oral ferramenta potente nos estudos das religiões e religiosidades (e vice-versa). Em primeiro lugar, nos parece cada vez mais urgente considerar a diversidade de comunidades espirituais e de suas memórias em um país no qual o Cristianismo hegemônico encobriu por muito tempo outras manifestações das crenças. Em muitos casos, aliás, foram os próprios interesses religiosos dos cientistas que delimitaram não apenas os objetos de estudos legítimos, mas também os campos de enunciação, os locutores socialmente aceitos – não raro como estratégia de produção organizada de uma memória coletiva – e até mesmo os seus enunciados (ou seja, os conteúdos das crenças autorizadas no espaço público).

Atraídos por demais pelas identidades estáveis e instituições, demoramos a compreender as religiões e religiosidades de forma mais ampla (Cubas, 2021) e, de igual

modo, as transformações que permitiram aos indivíduos viverem suas espiritualidades de modo mais livre, sem o peso demasiado grande das tradições, teologias, instituições. Ou como diria Danièle Hervieu-Léger (2005; 2008), em um estado de busca permanente, que pressupõe liberdade de escolha, medos e esperanças.

O dossiê: uma pequena amostra

Conforme já mencionado, os artigos selecionados para o dossiê oferecem uma pequena, mas significativa, amostra do que se têm produzido nas interfaces entre História Oral, religiões e religiosidades, bem como das muitas possibilidades que continuam abertas. Esta é, aliás, uma das questões abordadas na entrevista com Caroline Jaques Cubas, professora de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e atual diretora regional Sul da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Partindo de suas experiências de pesquisa, a entrevistada discute os desafios e perspectivas de nosso ofício, apontando para caminhos e discussões que lhe parecem promissores.

Os dois primeiros textos se debruçam sobre as relações entre religiões afro-brasileiras, o catolicismo e as identidades étnicas e culturais. Arilson dos Santos Gomes e William Augusto Pereira discutem “A trajetória da intelectualidade negra no Ceará” a partir do Grupo de União e Consciência Negra (Grucon), que surge na pesquisa como “mais do que um ponto de partida organizativo: representa a emergência de uma consciência coletiva, crítica e engajada que se opõe frontalmente à narrativa dominante que, historicamente, silenciou, apagou ou distorceu a realidade da população negra no estado do Ceará”. Os autores destacam o papel da Igreja Católica nesse processo de reconhecimento da identidade negra cearense. Já Lucas Gomes de Medeiros, Guilherme Paiva de Carvalho e Eliane Anselmo da Silva exploram as “Tensões entre oralidade e escrita no Candomblé” a partir de pesquisas realizadas nos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Interessa, nesse caso, as paulatinas fissuras surgidas em transmissões exclusivamente orais da tradição que deram lugar à “incorporação de textos escritos produzidos na academia e utilizados de alguma forma nos terreiros”.

Em “Uma vida em movimento: Toni Reis e a formação do Grupo Dignidade”, Izabela de Paula Gomes e Frank Antonio Mezzomo revelam as “múltiplas dimensões de Antônio Luiz Harrad Reis, conhecido como Toni Reis”. No artigo, uma entrevista de história de vida desvela os caminhos da própria constituição de um sujeito engajado “no enfrentamento da epidemia de AIDS nos anos 1990”, o que passa pela sua descoberta pessoal da homossexualidade e por suas diferentes incursões na Igreja Católica – das memórias repressivas da infância e adolescência até sua reorganização identitária na vida adulta.

Um contraponto bastante interessante é apresentado em “Vozes da diversidade:

narrativas de crianças, sobre religião no cotidiano escolar”, de Rosiane Brandão Siqueira Alves e Rejane Brandão Siqueira. “O artigo apresenta uma análise das narrativas orais de crianças do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual, localizada no município de Nova Iguaçu (Baixada Fluminense), no estado do Rio de Janeiro”. E provém daí sua maior contribuição: avançar sobre narrativas que tratam não de narradores maduros, mas das “experiências e percepções das crianças sobre a religião no ambiente escolar”. Partindo de uma etnografia e combinando metodologias, as autoras investigam como as crianças expressam, vivenciam e atribuem significados às suas identidades religiosas no cotidiano da escola [...], estabelecendo uma tensão constante com os discursos oficiais de laicidade escolar.

O último artigo põe os evangélicos – setor que mais cresce no campo religioso brasileiro – em evidência. “História Oral e conflito religioso: memórias da fundação da Assembleia de Deus (com) União de Davi em Juçateua-Marapanim (PA)”, de Luís Rodolfo da Silva Moura, apresenta a história da fundação de uma igreja pentecostal, na região do nordeste paraense. Preconceitos, disputas e violências emergem da memória dos entrevistados e somam na reflexão, relevante e necessária, dos percursos de nossa tardia pluralização religiosa, bem como das formas de resistência do catolicismo ainda hegemônico em vários cantos do país.

Lidos no conjunto, os textos que compõem o dossiê representam certamente contribuição importante ao debate. Trabalhos desse tipo nunca esgotam o assunto, nem era nossa pretensão – dados os limites de um periódico e o estado atual dos debates – propor tarefa tão ousada. Ao contrário, o que nos motivou foi a possibilidade, sempre instigante, de entender melhor o que está sendo feito e o anseio de que isso ajude a fazer surgir novos estudos, com novos olhares para as dinâmicas sociorreligiosas brasileiras e suas relações com a nossa memória. Há duas décadas, Pierucci (2006) se questionava: “cadê a nossa diversidade?”. Na ocasião, a presença maciça de cristãos servia ao argumento de que que ainda havia um longo caminho a seguir. Vinte anos mais tarde, parte dessa diversidade aparece não apenas na autodeclaração religiosa e nos indicadores numéricos, mas nas muitas experiências de fé dos/as brasileiros/as.

Referências

BASTIAN, Jean-Pierre. *La mutación religiosa de América Latina: para una sociología del cambio social en la modernidad periférica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução Denice Catani. São Paulo: Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Gênese de estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. 6. ed. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 27-69.

CUBAS, Caroline Jaques. Religião, tempo e memória: interfaces para o estudo da História do Tempo Presente. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, edição especial – IV Seminário Internacional de História do Tempo Presente, 2021.

GORDO LANG, Alice Beatriz da Silva. Espiritismo: reflexões de uma pesquisa. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; SANTHIAGO, Ricardo (Org.). *O desafio do diálogo: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO*. Rio de Janeiro: FGV; São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 83-92.

GRAEFF, Lucas; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Maurice Halbwachs: dos quadros sociais à memória coletiva. In: BERND, Zilá; GRAEBIN Cleusa Maria Gomes (Org.). *Memória social: revisitando autores e conceitos*. Canoas: UnilaSalle, 2018. p. 55-70.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *Los cuadros sociales de la memoria*. Barcelona: Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo: a configuração da memória. Tradução Maria Ruth de Souza Alves. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, n. 2, p. 87-107, 2005.

HEYMANN, Luciana (Org.). *História Oral e arquivo: debates e desafios*. São Paulo: Letra e Voz, 2024.

ISER – INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO. *Um Brasil mais plural?: Reflexões sobre os dados de religião do Censo 2022*. Rio de Janeiro: ISER, 2025.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Olhei para Jesus e não vi nada”: uma travessia da crença ao ateísmo. *Oralidades*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 195-210, 2010.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A Pomba-Gira Lady Gaga e a travesti indígena: (re/des) fazendo gênero no alto Rio Negro, Amazonas. In: CRESCÊNCIO, Cintia Lima; SILVA, Janine Gomes da; BRISTOT, Lidia Schneider (Org.). *Histórias de gênero*. São Paulo: Verona, 2017. p. 239-262.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *Travessias: padres europeus no Nordeste do Brasil (1950-1990)*. Recife: CEPE, 2019.

MONTES, Maria Lucia. *As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

ORALIDADES. Dossiê “Religiões e Religiosidades”. São Paulo, ano 4, n. 8, jul./dez. 2010.

PIERUCCI, Antonio Flávio. *Bye, Bye Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000*. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Cadê nossa diversidade religiosa? In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino (Org.). *As religiões do Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 49-51.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Religiões do Brasil. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). *Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direito*. São Paulo: Claro

Enigma, 2012. p. 60-69.

SEAWRIGHT, Leandro. História oral em perspectiva anticolonial: as armadilhas da temporalidade e do antropocentrismo. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 153-170, 2025.

SEAWRIGHT, Leandro. História oral e memórias religiosas no tempo presente. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 16, n. 46, p. 91-114, 2023.

SILVEIRA, Diego Omar. História, antropologia e sociologia na compreensão das dinâmicas sociorreligiosas contemporâneas no médio-baixo Amazonas. *Revista Tempo Amazônico*, Macapá, v. 6, n. 2, p. 53-70, jul./dez. 2019.

SILVEIRA, Diego Omar. A festa e suas reinvenções discursivas entre pentecostais: olhares a partir do Amazonas. In: RIVEIRA, Dario Paulo Bezerra; RODRIGUES, Donizete; MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro de (Org.). *Evangélicos e Pentecostais além de suas fronteiras na América Latina*. Belém: Editora da UEPA, 2020. p. 117-144.

SILVEIRA, Diego Omar; REIS, Marcos Vinícius de Freitas. Estudos da religião na Amazônia, um balanço. Entrevista com Raymundo Heraldo Maués. *Plura*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 10-26, jul./dez. 2015.

SILVEIRA, Diego Omar; FIGUEREDO, Pasquale Bruce de. O Daime “do outro lado da linha epistemológica”: entrevista com Maria Betânia Albuquerque. *Marupiana*, Parintins, ano 3, n. 3, p. 1-6, 2018.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice. Vozes e identidades plurais: uma análise da diversificação do campo religioso em Parintins (AM) a partir de relatos orais. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 56-80, 2019.

Recebido em 20/04/2026

Versão final reapresentada em 21/04/2026

Aprovado em 21/04/2026